

Programa oficial não cura mal dos hospitais públicos

O programa "SOS Saúde", criado pela Secretaria de Saúde para tirar os hospitais públicos de Brasília da crise, ainda não conseguiu acalmar a população. Os pacientes continuam reclamando da falta de lençóis para macas e leitos, medicamentos e artigos de emergência como gaze, gesso e algodão. Uma rápida visita às farmácias e rouparias hospitalares é suficiente para constatar que as prateleiras continuam desfalcadas apesar das compras de emergência feitas há pouco mais de duas semanas pela secretaria.

Os prontos-socorros evidenciam a crise. Os corredores continuam ocupados por pacientes que esperam — em macas sem colchões ou lençóis, bancos de madeira ou mesmo sentados no chão — muitas horas por um atendimento que deveria ser emergencial. Para os pacientes internados, o problema principal continua sendo o fornecimento de remédios. Segundo o depoimento de alguns deles, os médicos continuam recomendando que os doentes comprem seus medicamentos em farmácias particulares.

A direção dos Hospitais Regionais nega que os pacientes precisem comprar os remédios fora do hospital. Segundo o diretor do Hospital Regional de Ceilândia, Julival Ribeiro, não existem motivos para os pacientes internados não receberem os medicamentos de que precisam. O HRC, e todos os hospitais regionais, dispõem de recursos de reserva para compra de remédios não disponíveis nas farmácias hospitalares. "Nós temos comprado regularmente os remédios que estão faltando com os recursos que dispomos para isso", afirma o diretor, mostrando as notas e recibos das compras feitas em farmácias da cidade.

"Não é justo que o paciente compre os remédios que precisa com seu dinheiro. Isso é obrigação nossa e não se pode admitir uma coisa dessas", disse Julival Ribeiro. Ele mesmo completa a informação dizendo que recentemente um paciente comprou remédios receitados por médicos

da Fundação, mas foi reembolsado depois de apresentar a receita e os recibos da farmácia.

A compra de remédios por pacientes não é fato difícil de acontecer nos hospitais regionais. Na semana passada, uma paciente se internou no Hospital Regional de Taguatinga para uma cesariana. Depois do parto recebeu uma receita do médico acompanhada da recomendação para comprar os medicamentos por conta própria porque a farmácia do Hospital não tinha disponível. De acordo com os funcionários do HRT, esse procedimento não tem nenhuma justificativa porque os recursos do fundo de suprimento são destinados exatamente para a compra de remédios não disponíveis na farmácia hospitalar.

LENÇÓIS

Além dos remédios, os pacientes do HRT e do HRC têm um bom motivo para reclamar. No hospital de Taguatinga, faltam lençóis e colchões. Nos corredores do Pronto-Socorro, doentes aguardam atendimento — ou mesmo depois de atendidos —, deitados ou recostados em macas de ferro sem colchões e, na maioria das vezes, sem lençóis.

Um deles, já atendido pelo médico, toma soro na veia, deitado na maca, sem nenhum forro. Já sem posição para ficar, ele não esconde seu descontentamento pela falta de condições que o HRT oferece aos doentes que procuram seus serviços. Os lençóis e panos cirúrgicos comprados na ação de emergência da Secretaria de Saúde parecem não ter chegado ao Hospital. Para os pacientes, eles não devem ter chegado, já que a situação "continua a mesma".

Os pacientes que mais sofrem ontem no Pronto Socorro do HRT foram os encaminhados à Ortopedia. O gesso não faltava nas prateleiras e ninguém poderia se queixar de o Hospital não oferecer os medicamentos necessários. Dentro de toda a precariedade do sistema de saúde, desta vez o que faltou foi uma torneira que funcionasse de maneira eficiente para modar o gesso.